

Peregrinos vigilantes, místicos militantes, profetas de uma Igreja em saída

*Linhas forças do magistério do papa Francisco nas Cartas
“Perscrutai” e “Alegrai-vos” aos Consagrados e às Consagradas.¹*

Paulo Suess

O projeto de uma “Igreja em saída” (EG 20ss; PER 1a, 11b) indica o horizonte de transformação missionária da Igreja e da vida consagrada “como *kairós* que exige renúncias” (PER 11b) e “abandono deste cômodo critério pastoral: «fez-se sempre assim»” (EG 33). Jamais alcançaremos o horizonte, mas ele nos mantém no caminho e na caminhada. O caminho perpassa também labirintos. A caminhada nos faz sair de becos sem saída e caminhar com perguntas sem respostas. “Nossa fé não é uma fé-laboratório, mas uma fé-caminho, uma fé histórica. Deus revelou-Se como história, não como um compêndio de verdades abstratas” (FRANCISCO, p. 33s; ALE 11f).

1. Três jubileus: Perguntas e respostas

Como viver o carisma de cada comunidade de Vida Consagrada e Apostólica, um carisma que se propõe a “seguir Cristo `mais de perto” (PC 1b) e que “se torna missão” (VC 72a), segundo a vontade de Deus e as necessidades do mundo na unidade do Espírito Santo e em comunhão com a Igreja?

Essa me parece ser a pergunta essencial que nos foi feita por ocasião do “Ano da Vida Consagrada”. Ela articula quatro questões que isoladamente não podemos responder:

- a questão da identidade do carisma;
- a vontade suprema de Deus;
- a necessidade de encontrar um sentido nessa vida para uma humanidade sofrida e, muitas vezes, sem rumo; e
- a unidade eclesial na diversidade do Espírito.

Às vezes perdemos tempo e energia ao querer isoladamente resolver problemas de identidade do nosso carisma, de pertença eclesial e da vontade de Deus como se precisássemos fazer apenas um *download* de um arquivo, imutável nas nuvens, para o disco rígido (HD) instalado em nossas cúrias, provincialados e cérebros. A identidade como minha verdade e a verdade dos outros se constitui na história e no diálogo (cf. GS 92).

O tema desta tarde, que inicia o “Congresso Nacional da Vida Consagrada”, me faz procurar vestígios da vontade de Deus, não nas nuvens, mas na memória histórica de “peregrinos vigilantes”, na visão de “místicos militantes”, nos conflitos do mundo, que exigem coragem profética e esperança visionária.

¹ As Cartas “Alegrai-vos” e “Perscrutai” com as datas de 2 e 8 de fevereiro de 2014, respectivamente, foram enviadas aos religiosos e às religiosas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, em vista do Ano da Vida Consagrada (30.11.2014-02.02.2016) declarado pelo papa Francisco por ocasião do quinquagésimo aniversário da Constituição dogmática *Lumen gentium*, sobre a Igreja bem como do Decreto *Perfectae caritatis*, sobre a renovação da vida religiosa.

A proposta da Vida Consagrada de “seguir Jesus mais de perto” (PC 1b, VC 72a) nos faz descer com Ele, encarnados no mundo em conflito e na humanidade alienada, e nos faz descobrir, que nós também fazemos parte desses conflitos e dessa alienação da humanidade, da qual fomos tirados e devolvidos pela consagração.

Com Santa Teresa de Jesus, cujo quinto centenário de nascimento celebramos no dia 28 de março, confesso: “Causa-me grande confusão o que vou recomendar-vos porque deveria eu ter praticado ao menos algum ato da virtude que vou descrever [a humildade]. Confesso ter progredido nela muito pouco” (TERESA 15,1; cf. PC 5c). No meio de grandes conflitos e acusações que fazem parte de um tempo de reforma e transformação, Teresa responde: “Não há absolutamente nenhuma vantagem em se defender. Vede como respondeu o Senhor pela Madalena acusada em casa do fariseu pela própria irmã. Não vos tratará com tanto rigor como a ele próprio, que já estava na cruz quando permitiu que um ladrão falasse por ele” (cf. TERESA, 15,1.7). Sem recorrer à apologia, deixemo-nos defender por Jesus e pelo ladrão ou pelo povo. Defendamos as causas do Reino, não a nós, que “somos servos inúteis” (Lc 17,7ss) de uma Igreja às vezes “ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” (EG 49), às vezes, por ter ficado em casa cultuando a sua autorreferencialidade. Nos dois casos, o Senhor escolheu essa Igreja como instrumento do Reino assim como escolheu Pedro - pedra fundamental e pedra de tropeço. Em sua misericórdia sem limites, na qual “se manifesta sua onipotência” (EG 37), não ficou decepcionado com Pedro nem com sua Igreja. Já suspeitava do que ambos iam aprontar no decorrer da história.

Faz muitos anos que procuramos decifrar as múltiplas crises da vida religiosa, a crise da identidade, a crise vocacional, o choque das mentalidades em nossas casas, a crise causada pelo envelhecimento das nossas comunidades, a crise das nossas obras, a crise econômica e psicológica causada pela impossibilidade de administrar essas obras. Mas quantas vezes já morremos no decorrer da história, fomos perseguidos por regimes políticos por causa das nossas virtudes e dos nossos pecados? Quantas vezes a Vida Consagrada já ficou um ano debaixo da terra, como a cigarra, e voltou de novo revigorada, cantando ao sol?

A falta de atratividade da vida religiosa tem duas causas opostas:

- a primeira, porque é apenas uma cópia amarelada do mundo e não um sinal de contradição;
- a segunda, pelo contrário, porque a nossa vida é realmente um sinal de contradição, um viver no mundo sem ser do mundo, com um despojamento e um desapego que podem causar estranhamento a muitos jovens de hoje. Ao despedir-se da superiora que deu a vida pela causa do Reino, a postulante confessa: “não aguento o tranco de vocês”.

O que Deus nos quer dizer só podemos parcialmente decifrar com a humildade que rompe o círculo vicioso da autorreferencialidade (EG 8, cf. 94s) e da previsibilidade dos caminhos de Deus. Assumimos a caminhada na “nuvem do não saber”, com uma atitude de conversão pessoal e um horizonte de transformação estrutural da sociedade.

O “Congresso Nacional da Vida Consagrada”, que acabamos de iniciar, realiza-se na alegria festiva e na esperança de novas respostas a partir de uma tríade jubilar, intimamente ligada ao projeto teológico-pastoral do papa Francisco, contemplando:

- o jubileu do cinquentenário do encerramento do Vaticano II,
- que inspirou o segundo jubileu, o Ano da Vida Consagrada,
- no horizonte do terceiro jubileu, o Ano Santo da Misericórdia.

O primeiro jubileu, o cinquentenário do Vaticano II, nos pergunta sobre o caminho percorrido. De onde chegam os “peregrinos vigilantes” da “Perfeita Caridade”?

O “Ano da Vida Consagrada”, o segundo jubileu, previsto entre 30 de novembro de 2014 e 2 de fevereiro de 2016, pergunta: Onde estão hoje esses adeptos do caminho específico do seguimento de Jesus ou, no dizer do papa, por onde andam esses “reservistas do futuro”, as consagradas e os consagrados?

O terceiro jubileu, o “Ano Santo da Misericórdia” será iniciado no dia 8 de dezembro de 2015, dia do encerramento do Concílio. Parece como um ritual dos Bororo, do Mato Grosso, cujos ritos do encerramento de uma vida sempre são ritos de iniciação festiva e prolongada de um grupo de jovens na vida do povo.

O Ano Santo será iniciado com a abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro. A porta não será aberta para receber, mas para sair (cf. PER 18k), para encontrar novos caminhos, para “sair de si mesma” com audácia e coragem. Quem sai por esta porta como primeira é a Misericórdia, uma dama despojada, com costas largas e um grande sorriso estampado no rosto. Na misericórdia se manifesta a onipotência de Deus (cf. EG 37). Nela, Deus se faz pequeno como no presépio e na cruz. Os que seguem no cortejo da Misericórdia são os que pertencem à vida religiosa, nesse seu ano jubilar, para reviver a “ventania do Espírito Santo sobre toda a Igreja” (CA 1b) e o mundo.

Como uma espécie de corrimão para descrever essas tarefas de fidelidade, conversão, transformação e transfiguração embutidas no magistério do papa Francisco, os organizadores deste evento me indicaram duas Cartas da “Congregação para a Vida Consagrada e Apostólica”, que procuram orientar esse “Ano Jubilar da Vida Consagrada”: uma, a *Perscrutai*, para perscrutar a memória (EG 13; PER 1d, i; 4d; 5d, l; 6c; 16e; 18c) e a outra, a “Alegrai-vos”, paradoxalmente mais marcada pela “inquietação da procura” (4i, k; 5i; 11b; 12g, k, l, o) que pela alegria do encontro. Ambas as cartas, a “Perscrutai” e a “Alegrai-vos”, não desviarão nosso olhar do *kairós* profético, iniciado com calor latino-americano, pelo próprio papa Francisco.

2. Itinerário da “vida consagrada” no Vaticano II

No mundo que sofre o “Alzheimer espiritual”, que o faz esquecer de Deus, “é importante ter o costume de pedir a graça da memória do caminho que o povo de Deus fez’, e a graça também da memória pessoal: o que Deus fez comigo na minha vida, como me fez caminhar?” (PER 18c). Na memória da vida religiosa intercongregacional, “o Concílio Vaticano II emerge como acontecimento de importância absoluta” (PER 1d).

A “ventania do Espírito” e a “simpatia pelo mundo que gera um diálogo novo” (PER 4b) são razões suficientes para perscrutar, num primeiro passo, a origem dessa “ventania” espiritual e dessa “simpatia” secular do Vaticano II, sobretudo no “Decreto *Perfectae caritatis* sobre a atualização dos religiosos e das religiosas”.

O andamento da “vida religiosa” durante o Vaticano II precisa ser visto através de todos os documentos conciliares, mas sobretudo no contexto da “Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja” (cf. LG 43-47), da “Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no Mundo de hoje” e do “Decreto *Christus Dominus* sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja” (CD 33). Aqui me limito a perscrutar o itinerário do “Decreto *Perfectae caritatis* sobre a atualização dos religiosos e das religiosas”. O título do Decreto indica seu objetivo: perscrutar com as lentes do *aggiornamento* do Concílio a vida religiosa no horizonte dos pressupostos exigentes da “caridade perfeita”.

Antes de ser promulgado pelo papa Paulo VI, no dia 28 de outubro de 1965, e dez dias antes do encerramento do Concílio, o “Decreto sobre a atualização dos religiosos” perpassou a longa peregrinação por cinco propostas que precederam ao texto final. As questões abertas da vida religiosa, a cada geração, esperam novos ajustes:

- a relação entre vida ativa (apostolado) e contemplativa;
- a questão da fidelidade à tradição e ao carisma do fundador e a questão da adaptação às necessidades da humanidade contemporânea e da inserção no mundo moderno (*aggiornamento*);
- a relação entre pertença à Igreja e obediência ao magistério, e a configuração de serviços próprios e missões específicas coordenados por uma hierarquia e por prioridades congregacionais dentro da moldura dos conselhos evangélicos;
- a revisão da doutrina que, desde Tomás de Aquino, considerou a vida religiosa como “estado de perfeição” em contraste a dos que vivem fora dos mosteiros.

A *Perfectae caritatis* teve a sorte de quase todos os documentos conciliares. No início, um texto relativamente longo, teve de ser drasticamente reduzido por ordem da “Congregação de Coordenação” do Concílio, para ser, antes da votação final, novamente enriquecido com as contribuições das discussões nas respectivas Congregações Gerais da aula conciliar.

Um primeiro esboço de texto, com cerca de 100 páginas e ainda muito preso ao direito canônico, foi elaborado pela “Comissão pré-conciliar para os religiosos” entre novembro de 1960 e abril de 1962 (cf. GAHBAUER, 172ss; KLOPPENBURG, vol. I., 122s; vol. II., 56; vol. IV, 328-344).

Uma segunda versão, reduzida para trinta páginas, foi discutida e reelaborada na sessão plenária da “Comissão Conciliar para os Religiosos” de 20 de fevereiro a 1 de março de 1963. Depois de ponderações sobre a falta de uma melhor fundamentação bíblica, cristológica, eclesiológica e do apostolado, este segundo esquema foi transformado numa terceira versão.

Em 22 de abril de 1964, o terceiro esquema, que constava de poucas páginas, foi enviado a todos os Padres Conciliares. As respostas apontaram novamente para lacunas essenciais desse terceiro texto:

- a distinção mais clara entre os mandamentos obrigatórios para todos os cristãos e para os conselhos evangélicos da vida consagrada que orientam os seus votos;
- na necessidade de um melhor discernimento na relação entre ação e contemplação;
- a exigência de uma elaboração mais funcional na relação entre o episcopado e as ordens religiosas;

Com essas e muitas outras sugestões, foi elaborado um quarto texto “Sobre a renovação e adaptação da vida religiosa”, com vinte Proposições, apresentadas durante a III Sessão do Concílio à Assembleia Plenária. No dia seguinte, em 11 de novembro (1964), houve um amplo debate sobre a renovação da vida religiosa com dezessete oradores, entre eles o Cardeal Jaime de Barros Câmara, do Rio de Janeiro. No dia 12 de novembro de 1964, com oito intervenções, encerrou-se o debate conciliar sobre a renovação dos religiosos. “Numerosas foram as sugestões novas e as críticas construtivas”, resume Boaventura Kloppenburg as contribuições dos 26 oradores (cf. KLOPPENBURG, vol. IV, p. 341ss). Mais da metade se pronunciou pela aceitação do texto para votações posteriores das vinte Proposições, a qual ocorreu nos dias 14 e 16 de novembro. O resultado dessas votações: 5.638 votos modificativos além de 14 mil Modos, que cada votante podia entregar.

Durante a quarta e última sessão do Concílio, no dia 16 de setembro de 1965, o novo texto - um quinto esquema - foi entregue aos Padres Conciliares (cf. KLOPPENBURG, vol. V., p. 369-372).

Sobre essa nova redação do texto, a Comissão de redação pedia à Congregação Geral um novo pronunciamento em 19 votações, que se iniciaram no dia 6 de outubro. Finalmente, no dia 11 de outubro de 1965, a 146ª Congregação Geral, numa votação global, aprovou o texto com grande maioria (2.126 x 13 votos). Na Sessão Pública de 28 de outubro de 1965, o “Decreto ‘*Perfectae caritatis*’ sobre a atualização dos religiosos” recebeu a aprovação definitiva com 2.321 votos contra 4.

3. Herança da caminhada: fidelidade dinâmica

Em sua Carta Apostólica por ocasião da inauguração do “Ano da Vida Consagrada”, Francisco resumiu o evento conciliar assim: “Graças ao Concílio, de fato, a vida consagrada empreendeu um fecundo caminho de renovação, o qual, com as suas luzes e sombras, foi um tempo de graça, marcado pela presença do Espírito” (CA 1d) e, segundo João Paulo II, pela “fidelidade dinâmica à própria missão” (VC 37).

Em 25 capítulos, o “Decreto sobre a atualização dos religiosos” contém os indicativos mais importantes para a “vida consagrada” que até hoje não perderam a sua validade. Religiosos e religiosas devem, segundo o Decreto,

- “seguir a Cristo com maior liberdade, e imitá-l’O mais de perto” (PC 1b; cf. 2a; VC 72a),
- atender aos “chamados à prática dos conselhos evangélicos” (PC 1c, 2e);
- viver a “vida consagrada a Deus” na diversidade de seus carismas e denominações (cf. 1b);
- retornar “às fontes de toda vida cristã e à inspiração primitiva e original dos institutos” (PC 2a), observando que os fundadores colocaram o Evangelho acima da própria regra de seus institutos;
- acomodar-se às necessidades materiais do ministério, que exercem, e “às circunstâncias de tempos e lugares” (PC 17);
- discernir entre as tentações do conformismo ao mundo e do enclausuramento nas próprias casas;
- atualizar-se permanentemente para servir melhor à Igreja (PC cf. 2c), pois a renovação das ordens e institutos faz parte da renovação da própria Igreja, considerando que servir à Igreja e ao seu tempo exige o conhecimento concreto das condições de vida do povo (cf. GS 4);
- empenhar-se “conforme as forças e segundo o gênero da própria vocação [...] na implantação e fortalecimento do Reino de Cristo nas almas, bem como na sua dilatação por todas as partes” (LG 44b), tendo em vista que “a missão é essencial para cada Instituto [...]. A pessoa consagrada está ‘em missão’” (VC 72a.c), diria João Paulo II mais tarde.

“A partir das solicitações conciliares, a vida consagrada percorreu um longo caminho” (PER, 5a) de cinquenta anos. Desde a “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*” (1996), de João Paulo II, a terminologia oficial da Igreja já não fala mais de “religiosos” ou “religiosas”, mas da “vida consagrada”, que incorpora os movimentos na “diversidade das formas de vida consagrada”, na qual, segundo a interpretação oficial no *L’OSSERVATORE ROMANO*, “os religiosos representam apenas uma [de] sua forma particular, e é necessário promover todas as formas inspiradas pelo Espírito Santo” (GALOT). Na época João Paulo II sublinhou, abrindo caminhos para muitos movimentos: “Historicamente poderá haver uma sucessiva variedade de formas, mas não mudará a substância de uma opção que se exprime na radicalidade do dom de si mesmo por amor do Senhor Jesus e, nele, por amor de cada membro da família humana” (VC b).

O dom de si acontece pela encarnação em realidades concretas. O papel essencial da “vida consagrada”, sua identidade, deve ser considerado à luz do mistério da encarnação (cf. GALOT). A nova terminologia “vida consagrada”, como foi dito na época, expressa melhor a dimensão da encarnação no mundo: Cristo não é apenas aquele que chama na diversidade do Espírito Santo ao seguimento. É também e antes de tudo “Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36): “A proximidade e o encontro, [são] duas modalidades através das quais Deus mesmo se revelou na história até a Encarnação” (ALE, 10f).

Com a passagem da “Perfeita Caridade” para à “Vida Consagrada”, o magistério não reivindicou novamente aquilo que o Concílio corrigiu, - a “perfeita caridade como privilégio da vida consagrada - , mas preparou o caminho para corrigir uma lacuna. Em nenhum documento do Vaticano II, a “vida consagrada” é especificamente qualificada como profética ou martirial. Segundo a *Lumen gentium*, o conjunto do “Povo santo de Deus participa também do múnus profético de Cristo, pela difusão do seu testemunho” (LG 12a). A “perfeita caridade” é um anseio de todos os cristãos. Tem sua raiz “nos exemplos do Divino Mestre” (PC 1a); é um “sinal muito claro do Reino do Céu” (ibid.). A palavra inspirada de Simeão, homem piedoso e justo, mostra desde o início, a essência messiânica e profética da vida de Jesus (cf. Lc 2,25ss). Ele será “Servo de Davé” e “Príncipe da Paz”, sinal de contradição e luz para iluminar as nações. O profeta Jesus veio para ser luz e salvação, no sinal da criança, e contradição à vida alienada, no sinal da cruz. Nele se cumpriu o que Deus “havia anunciado pela boca de todos os profetas: que seu Cristo haveria de sofrer” (At. 3,18).

A caracterização da “vida consagrada” como “sinal profético” é um fenômeno do tempo pós-conciliar. Deve ser compreendido como consequência do testemunho de tantas religiosas e tantos religiosos no continente latino-americano que, na esteira de *Medellín*, levantaram a sua voz pela causa do Reino. Profetas contextualizam a palavra de Deus nos ombros dos apóstolos. O documento “Religiosos e promoção humana”, da então chamada “Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares”, de 12 de agosto de 1980, fala pela primeira vez oficialmente do “caráter profético” (RP 4) e do “sinal profético da vida religiosa” (RP 24). A “vida consagrada” já mostrou antes e depois do reconhecimento oficial seu caráter profético em figuras como Rodolfo Lunkenbein e Ir. Genoveva, Pedro Casaldáliga e Ir. Dorothy, Luís Cappio e Ir. Alberta, Erwin Kräutler e todos os sobreviventes da grande aflição (cf. Ap 7,14). A fila é grande, mas não vamos espalhar, o que seria uma mentirinha piedosa, que a vida consagrada sempre foi profética.

Na entrevista com o jesuíta Antônio Spadaro, em 19 de agosto de 2013, à pergunta sobre o lugar dos religiosos e religiosas hoje, o papa Francisco respondeu: “Os religiosos são profetas. [...] Na Igreja, os religiosos são chamados em particular a ser profetas que testemunham como Jesus viveu nesta terra e que anunciam como o Reino de Deus será na sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à profecia. Isto não significa contrapor-se à parte hierárquica da Igreja, mesmo que a função profética e a estrutura hierárquica não coincidam. Estou falando de uma proposta sempre positiva, que, no entanto, não deve ser medrosa. [...] Ser profeta pode significar, por vezes, fazer ruído, não sei como dizer. A profecia faz ruído, alarido [...]. Mas, na realidade, o seu carisma é o de ser fermento: a profecia anuncia o espírito do Evangelho” (FRANCISCO, p. 23).

Dizer que “os religiosos são profetas” não significa voltar à “perfeita caridade” como privilégio da “vida consagrada”. Significa antes aprender a “misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade” (EG 87), com companheirismo sem protagonismo.

A *Lumen gentium* coloca a vida consagrada como caminho específico na Igreja (LG 43-47) num parêntese entre a “vocação universal à santidade na Igreja” (LG 39-42) e a “índole escatológica” (LG 48-51) do povo de Deus. Desta maneira, o Concílio aproxima a vida religiosa à

vida cristã de todo o povo de Deus, que é messiânico (LG 9b), profético (LG 12a) e sacerdotal (LG 10b): “Sua lei é o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou (cf. Jo 13,34). Sua meta é o Reino de Deus, iniciado pelo próprio Deus na terra, a ser estendido [...] até que no fim dos tempos seja consumado por Ele próprio” (LG 9b).

Ao integrar a “vida consagrada” à Igreja, ao Evangelho e ao mundo, o *aggiornamento* do Vaticano II não facilitou a “vida religiosa”. Pelo contrário, questionou radicalmente a “vida consagrada” em sua coerência com a palavra de Deus e sua relevância para todos que estão cansados e sobrecarregados de fardos desnecessários (cf. Mt 11,28s).

4. Aproximação da “vida consagrada” ao mundo secular

“Desde os primórdios da Igreja homens e mulheres [...] se propuseram pela prática dos conselhos evangélicos, seguir a Cristo com maior liberdade” (PC 1b) e viver “mais de perto” do mundo secular. Que Igreja era essa à qual a “Vida Consagrada” queria servir melhor? Uma Igreja que olhou na sua liturgia para a parede, na sua teologia para o Catecismo Romano e em sua pastoral para as elites, deu no Concílio uma meia-volta *versus populum*. Essa “virada popular” exigiu que a Igreja e a “vida consagrada” dirigissem seus olhares em direção à macroestrutura da modernidade e às microestruturas dos contextos vivenciais dos povos. Nestes, encontraram os que foram vítimas de elementos dessa modernidade: os pobres e suas lutas pela redistribuição dos bens, e os outros, em busca do reconhecimento de sua alteridade.

O Concílio nomeou essa busca de proximidade com algumas palavras balbuciantes, como “aggiornamento” e “adaptação” (SC 37s; GS 514), “autonomia da realidade terrestre” (GS 36; 56) e da cultura, “sinais dos tempos” (GS 4a; 11; PER 5a.b.c) e “diálogo” (ChD 13b; UR 4; ES, 34-68), “encarnação” e “solidariedade” (GS 32). Mais tarde, sobretudo na América Latina, essas palavras norteadoras foram traduzidas como “opção pelos pobres” e “libertação” ou como passagem de uma teologia dedutiva a uma teologia indutiva. As palavras-chave dessa teologia indutiva, que constrói seu argumento a partir da realidade concreta (cf. GS 62,2), foram: “libertação” e “opção pelos pobres” (*Medellín*, 1968), “participação”, “assunção” e “comunidades de base” (*Puebla*, 1979), “inserção” e “inculturação” (*Santo Domingo*, 1992), “missão”, “testemunho” e “serviço” de uma Igreja samaritana e advogada da justiça e dos pobres (Aparecida, 2007).

O *aggiornamento* macroestrutural ao mundo moderno não afasta a vida religiosa dos contextos microestruturais em que estão inseridos os pobres e os outros. Pelo contrário, a modernidade disponibiliza os instrumentos em defesa da causa dos pobres e dos outros: autonomia e autodeterminação, universalidade de causas e subjetividade das pessoas, organização de lutas sociais e participação democrática, tolerância em face ao outro e reconhecimento de sua alteridade. Algumas vezes, a “vida consagrada” correu atrás dessas propostas, como o cachorro que caiu da mudança.

Como inserir na dinâmica histórica da cultura contemporânea e nas culturas tradicionais o seguimento despojado, os conselhos evangélicos, o retorno às fontes fundacionais, o discernimento entre a conformação alienante e a adaptação superficial ao mundo, e do distanciamento deste mundo em nichos de bem-estar espiritual? Como inserir a essencialidade da missão e a saída às periferias? Como encontrar novas linguagens, menos conceituais e comunicáveis em contextos vivenciais? Quantas vezes confundimos as representações de Deus e as fórmulas da fé que são apenas indicadores da verdade, com a própria verdade? Na esteira do Vaticano II, a “vida consagrada” procurou estabelecer uma nova comunicação com a humanidade em sua condição contemporânea e advertir para a fragilidade de uma definição dogmática sem experiência religiosa ou congelada em contextos culturais do passado.

Palavras como “encarnação”, “inserção” e “inculturação” na microrrealidade dos pobres são acopladas à macrorrealidade, e ambas têm sua raiz profunda no mistério da criação, na “realidade fundante” de Deus. Autonomia significa rejeição a qualquer forma de tutela, submissão ou colonização. A proximidade do pastor significa proteção às “ovelhas”, opção pelos pobres e pelos outros; não suspensão de sua liberdade. A tarefa fundamental da missão da “vida consagrada” é o favorecimento de um processo que torne as pessoas adultas, sem abandoná-las à liberdade do mercado e sem suprimir a solidariedade, numa sociedade marcada por desigualdade estrutural e negação de solidariedade. O *aggiornamento* pastoral visa à assunção dos múltiplos contextos socioculturais com responsabilidade adulta.

A “vida consagrada” encarnada no mundo secular, que encontra sua inspiração imperativa no seguimento de Jesus “mais de perto”, cobra-nos em tudo mais: um hábito e hábitos religiosos mais simples, modestos e pobres (PC 17), nos cobra a “perfeita caridade” como justiça maior e o amor maior.

5. Do *aggiornamento* ao processo

Entre as múltiplas “provocações de papa Francisco” lembradas pela PERSCRUTAI, encontra-se o imperativo bergogliano: “Não perder nunca o ímpeto de caminhar pelos caminhos do mundo (...) também com passo incerto ou mancando, é sempre melhor do que estar parado, fechado (...) nas suas perguntas ou nas suas seguranças” (PER 18e).

O Vaticano II chamou esse “ímpeto de caminhar pelos caminhos do mundo” de “*aggiornamento*”. Em vez de “*aggiornamento*”, mas em continuidade com o significado desse paradigma, o papa Francisco fala de “processos” que representam um *aggiornamento* permanente e a longo prazo: A vida consagrada “acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam” (EG 24, cf. SUESS, p. 144ss).

Essa missão é um dom de Deus. “A pessoa consagrada está ‘em missão’ por força da sua própria consagração, testemunhada segundo o projeto de respectivo Instituto” (VC 72c). Apesar de apontar para o Reino futuro, a missão torna presentes as primícias do Reino, “através da instauração do Espírito das bem-aventuranças, capaz de suscitar anseios eficazes de justiça, paz, solidariedade e perdão” (VC 27a). A missão, que é apostólica e universal, nos faz entrar “num processo de purificação”, de discernimento, de despojamento, de obediência e oração (cf. PER 18a).

Os processos são acompanhados e desencadeados pelos “peregrinos vigilantes”, que colaboram, no dizer da PERSCRUTAI, “nas tarefas mais diversas no signo da proximidade cristã, envolvidos no processo histórico em ato” (PER 5d). O “signo da proximidade” desencadeou nas Constituições dos Institutos “um processo que alterou equilíbrios de longa data, mudou práticas obsoletas da tradição, enquanto releu com novas hermenêuticas os patrimônios espirituais e experimentou novas estruturas, até delinear de novo programas e presenças” (PER 5i; cf. PC 3). E a Congregação Romana, falando de si mesma com pitadas de autorreferencialidade, acrescenta: “A Igreja não parou o processo, mas o acompanhou com um magistério pontual e uma sábia vigilância, declinando, no primado da vida espiritual [...]” (PER 5k).

Nós, da América Latina, discordamos de certos excessos dessa “sábia vigilância”. Mas prefiro repetir as palavras sábias de Teresa d’Ávila que, mesmo discordando, abriu mão da defesa em muitas ocasiões de sua vida: “Não há absolutamente nenhuma vantagem em se defender”. Que o próprio Jesus, o ladrão, o povo, os mártires e o Paráclito (Espírito Santo) sejam nossos defensores!

O “Ano da Vida Consagrada” foi proclamado para tirar o Vaticano II da recepção morna de hoje, uma espécie de “menção honrosa” que ganha aqui e ali, e para levar o projeto conciliar com coragem e fidelidade adiante. Em seu discurso, na inauguração da 66ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana, dia 19 de maio de 2014, Francisco aponta para avanços na compreensão da identidade da “vida consagrada”, que ontem “estava ligada principalmente às obras, enquanto hoje constitui uma reserva preciosa de futuro, sob a condição de que saiba apresentar-se como sinal visível” de uma vida segundo o Evangelho. E o papa Francisco nos exorta com o apóstolo Pedro: “Estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir. Fazei-o, porém, com mansidão e respeito” (1Pd 3,15s).

Sem a proximidade do papa Francisco aos processos desencadeados pelo Vaticano II não podemos compreender a sua convocação de uma Igreja misericordiosa em saída. Também a vida consagrada só será capaz de guardar seu “núcleo identitário” se o guarda como núcleo histórico que no Vaticano II recebeu impulsos imprescindíveis para manter-se viva como “reserva do futuro”.

Em muitas oportunidades, quando o papa Francisco faz a leitura da Boa-Nova como “Evangelho da Misericórdia” (EG 188; cf. SUESS, p. 122ss) e “revolução de ternura” (EG 88; cf. ALE, n. 9; SUESS, p. 158ss), ele recorre ao Vaticano II e seu realizador pós-conciliar, o papa Paulo VI. Francisco é o elo enfraquecido ou, por vezes, perdido, entre o Concílio, a Igreja de hoje e o mundo cada vez mais complexo.

Essa retomada radical do Concílio faz o papa Francisco viver hoje, como na época João XXIII, numa grande solidão institucional. Uns o consideram um pouco fora da curva, e outros, como um acidente de percurso. A máquina curial e paroquial procura fazer andar o maquinista nos trilhos por tantos anos autorizados. Nas entrelinhas, o papa pede socorro: “Vocês da vida consagrada são os protagonistas convertidos da conversão da própria Igreja da qual também fazem parte, de uma Igreja muitas vezes sem saída, para uma “Igreja em saída” (EG 20ss; PER 1a, 11b). A saída exige “prudência e audácia” (EG 47), “coragem” (EG 33, 167, 194) e “ousadia” (EG 85, 129). Gente, “ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa” (EG 24)! Parece que o papa Francisco se vê cercada por ladrões. Assim, ele formula sete imperativos categóricos antirroubo aos “peregrinos vigilantes” da “vida consagrada”:

- “Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário!” (EG 80).
- “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG 83).
- “Não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG 86).
- “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).
- “Não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG 97).
- “Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!” (EG 101).
- “Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109).

Francisco precisa do povo da “vida consagrada” para dar continuidade a seu projeto. Nessa continuidade não se trata de um projeto pessoal. Trata-se da continuidade dos impulsos essenciais do projeto do Vaticano II. Cinquenta anos mais tarde, na Igreja que abre o portal do Ano da Misericórdia, “reconhecemos a nossa identidade mais profunda” (PER, 51): liberdade e solidariedade, liberdade na porta aberta que nos impulsiona para a solidariedade na periferia.

Francisco, o condor latino-americano, antes de voar para Europa, abriu as gaiolas e pediu aos aprisionados que saíssem e reaprendessem a voar, corajosamente. Depois voou para Roma, não para depenar a águia envelhecida ou afugentar os morcegos do Vaticano, mas para convidar

as pombas das praças romanas, as gaivotas de Lampedusa, os canários da terra de Anchieta, os sabiás do Brasil e os rouxinóis da Sicília, os urubus dos lixões e os pardais das ruas do mundo inteiro para ensaiar uma coreografia de voo livre. “Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito” (EG 280). Como dissemos: liberdade na porta aberta para poder ser solidário na periferia.

Francisco resume sua eclesiologia com palavras simples: “Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha” (FRANCISCO, p. 19). Os místicos são os militantes nessa batalha e os militantes são socorristas numa guerra que não acabou. A Igreja não abre as portas do Ano Santo para esperar o mundo no seu portal, mas para ir com fidelidade e coragem ao encontro do mundo e suas periferias, de onde Francisco veio. “Não é preciso levar a fronteira para casa, mas viver na fronteira e ser audazes” (FRANCISCO, p. 34; ALE 11f).

Fidelidade e coragem caminham entre dois abismos: o tradicionalismo, que aprisiona o imaginário e a prática da “vida consagrada”, e o rigorismo impaciente do tudo ou nada, já. Coragem e fidelidade nascem, renascem e se sustentam reciprocamente no signo da misericórdia! Nele, também a “vida consagrada”, tantas vezes declarada moribunda e sem futuro, um ou mais anos debaixo da terra, pode renascer, e de fato renasce, como a cigarra, cantando ao sol. [Termino com a canção de Mercedes Sosa: “Como la Cigarra”]

“Tantas veces me mataron,
tantas veces me morí,
sin embargo estoy aquí
resucitando.
Gracias doy a la desgracia
y a la mano con puñal,
porque me mató tan mal,
y seguí cantando”.

**“Cantando al sol,
como la cigarra,
después de un año
bajo la tierra,
igual que sobreviviente
que vuelve de la guerra”.**

6. Referências bibliográficas e siglas

- ALE ALEGRAI-VOS. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E ÀS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Ano da vida consagrada: Alegrai-vos*. Carta Circular aos consagrados e às consagradas do magistério do papa Francisco, São Paulo, Paulinas, 2015.
- BISCHOF, Franz Xaver; LEIMGRUBER, Stephan (Hg.). *Vierzig Jahre II. Vatikanum: Zur Wirkungsgeschichte der Konzilstexte*. Würzburg, Echter, 2004.
- CA Carta Apostólica do papa Francisco às pessoas consagradas em ocasião do ano da vida consagrada. São Paulo, Paulinas, 2014.
- ChD *Christus Dominus*. Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja (28.10.1965).
- DAP Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007.
- EG *Evangelii gaudium*. Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, do papa Francisco (24.11.2013).

- ES *Ecclesiam Suam*. Carta Encíclica de Paulo VI, 1964.
- FRANCISCO, Papa. Entrevista exclusiva ao padre Antonio Spadaro (19.08.2013). São Paulo, Paulus/Loyola, 2013.
- GAHBAUER, Ferdinand Reinhard. Das Dekret über die zeitgemäße Erneuerung des Ordenslebens: *Perfectae caritatis*, in: BISCHOF, 172-190
- GALOT, Jean. Identidade da vida consagrada, in: *L'OSSERVATORE ROMANO*, n. 16 (20 de abril 1996), p. 9.
- GS *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje (07.12.1965).
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *Concílio Vaticano II*. Vol. I., Documentário Pré-Conciliar, 122s. - Vol. II, Primeira Sessão (set.-dez. 1962) 56. Vol. IV. Terceira Sessão (set.-nov. 1964) 328-344. - Vol. V., Quarta Sessão (set.-dez. 1965) 369ss, Petrópolis, Vozes, 1962-1966.
- LG *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja (21.11.1964)
- PC *Perfectae Caritatis*. Decreto sobre a atualização dos religiosos (28.10.1965).
- PER PERSCRUTAI. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E ÀS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Ano da vida consagrada: Perscrutai*, aos consagrados e às consagradas a caminho nos sinais de Deus, São Paulo, Paulinas, 2015.
- SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo, Paulus, 2015.
- TERESA DE JESUS, Santa. *Caminho de perfeição*. São Paulo, Paulus, 1979 (2014).
- UR *Unitatis Redintegratio*. Decreto sobre o Ecumenismo (21.11.1964).
- VC *Vita Consecrata*. Exortação Apostólica pós-sinodal de João Paulo II, Sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. 1996.